



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR BARROS ARAÚJO – PICOS
CURSO: BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO



Transformação do empreendedorismo feminino no Brasil após a pandemia: uma revisão de literatura

EDWIRGENS DELMONDES DE MATOS

PICOS-PI
2025

EDWIRGENS DELMONDES DE MATOS

**TRANSFORMAÇÃO DO EMPREENDEDORISMO FEMININO NO
BRASIL PÓS A PANDEMIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Administração de Empresas da Universidade Estadual do Piauí, campus de Picos como requisito para obtenção do título de bacharel.

Orientador (a): Profa. Me. Marissol Lopes Soares

PICOS

2025

M425t Matos, Edwirgens Delmondes de.

Transformação do empreendedorismo feminino no Brasil após a
pandemia: uma revisão de literatura / Edwirgens Delmondes de
Matos. - Teresina, 2025.
44f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí -
UESPI, Curso de Bacharelado em Administração, Campus Prof. Barros
Araújo, Picos - PI, 2025.

"Orientador: Prof.^a Ma. Marissol Lopes Soares".

1. Administração. 2. Empreendedorismo Feminino - Brasil - Pós
Pandemia. 3. Políticas Públicas. I. Soares, Marissol Lopes . II.
Título.

CDD 658

EDWIRGENS DELMONDES DE MATOS

**TRANSFORMAÇÃO DO EMPREENDEDORISMO FEMININO NO
BRASIL APÓS A PANDEMIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Monografia apresentada ao Curso de Administração
como um dos requisitos para a obtenção do título de
Bacharel em Administração de empresas pela
Universidade Estadual do Piauí/UESPI.

Data da aprovação : ____/____/____ **Nota:** ____

Profa. Me Marissol Lopes Soares

Professor Orientador

Profa. Dr Thiago Assunção Moraes

Professor Membro

Profa. Me Maria Valdiva Barbosa Moura

Professor Membro

A meu pai Jose matos (in memorian)

AGRADECIMENTOS

Sou profundamente grata à minha mãe, Marinalva Águida Delmondes, cujo amor e exemplo guiam cada passo e recuo da minha vida, e às minhas irmãs, Inara e Maira, companheiras inseparáveis em todas as batalhas. Agradeço ao corpo docente da UESPI, em especial à minha orientadora, Profa. Me. Marisol Lopes Soares, pela empatia e por tudo o que me ensinou. Minha gratidão estende-se também ao Prof. Dr. Thiago Assunção de Moura e à Profa. Me. Maria Valdivia Barbosa Moura, assim como aos queridos amigos da minha turma de Administração, que transformaram dias comuns em momentos especiais. E ao meu pai, José de Matos Filho, cuja ausência agora se faz presente de outras formas. Por fim, reconheço o apoio essencial da CAPES, que viabilizou esta jornada. Cada um de vocês tornou possível que eu chegasse até aqui.

RESUMO

O empreendedorismo feminino pós-pandemia no Brasil (2020–2025) revela uma dicotomia estrutural: ao mesmo tempo que se consolida como mecanismo de resistência frente ao desemprego e à precarização, com notável adaptação às ferramentas digitais, permanece refém de políticas públicas desarticuladas territorialmente. Esta análise, cujo objetivo é analisar as transformações ocorridas no empreendedorismo feminino no Brasil após a pandemia da COVID-19 com base em estudos publicados entre 2020 e 2025, foi desenvolvida por meio de uma revisão sistemática da literatura. Os achados demonstram que, enquanto as empreendedoras urbanas capitalizavam plataformas digitais, suas congêneres rurais dependiam de redes informais de sobrevivência, contradição que os programas governamentais falham em abordar. Apesar do reconhecimento institucional das especificidades, sua efetiva potencialização exige intervenções que considerem as múltiplas dimensões da desigualdade brasileira.

Palavras-chave: Empreendedorismo feminino após Pandemia, COVID-19. Políticas públicas. Inovação. Gênero.

ABSTRACT

Post-pandemic female entrepreneurship in Brazil (2020–2025) reveals a structural dichotomy: while it has consolidated itself as a mechanism of resistance against unemployment and precariousness, with remarkable adaptation to digital tools, it remains dependent on territorially fragmented public policies. This analysis, whose objective is to examine the transformations that occurred in female entrepreneurship in Brazil after the COVID-19 pandemic based on studies published between 2020 and 2025, was conducted through a systematic literature review. The findings show that while urban women entrepreneurs leveraged digital platforms, their rural counterparts relied on informal survival networks, a contradiction that government programs fail to address. Despite the institutional recognition of these specificities, their effective advancement requires interventions that consider the multiple dimensions of Brazilian inequality.

Keywords: Post-Pandemic Female Entrepreneurship, COVID-19. Public policies. Innovation. Gender.

LISTA DE ABREVIATURAS

OMS	Organização Mundial da Saúde
WHO	World Health Organization
PNADC	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MDIC	Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (atual Ministério da Economia desde 2019)
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
UNDP	United Nations Development Programme
MEMP	Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte (extinto em 2016, integrado ao MDIC)
CUT	Central Única dos Trabalhadores
MEI	Microempreendedor Individual
IFPE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco
RME	Rede Mulher Empreendedora
RELA Cult	Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade
REGE	Revista de Gestão
GEM	Global Entrepreneurship Monitor (em português: Monitor Global do Empreendedorismo)
USP	Universidade de São Paulo
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IBRE	Instituto Brasileiro de Economia (vinculado à FGV)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Quadro.....	33
Figura 2 Grafico.....	36
Figura 3 Quadro.....	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. OBJETIVOS	16
2.2 Objetivos Específicos.....	16
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	17
3.1 Empreendedorismo Feminino: Conceitos, Características e Desigualdades de Gênero	17
3.1.1 História do empreendedorismo no brasil	18
3.1.2 Empreendedorismo feminino	20
3.2 Impactos da pandemia de COVID-19 sobre o empreendedorismo feminino no Brasil	25
3.3 Estratégias de Superação e Apoio ao Empreendedorismo Feminino Pós-Pandemia	28
4. MATERIAL E MÉTODOS.....	31
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
7 REFERENCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo feminino tem se reconhecido como uma importante estratégia de geração de renda, autonomia e inclusão social no Brasil. Tradicionalmente marcado por desafios estruturais relacionados à disparidade de gênero, à dificuldade de acesso ao crédito e uma jornada de trabalho exaustiva, esse fenômeno ganhou ainda mais com a diversidade de fatores e os impactos provocados pela pandemia da COVID-19.

A crise sanitária, declarada em 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), desencadeou transformações profundas no mercado de trabalho e no ambiente empreendedor, afetando especialmente as mulheres. Muitas empreendedoras se viram obrigadas a reinventar suas formas de atuação profissional, seja pela perda de empregos formais, pela necessidade de conciliar trabalho, cuidados familiares e sobrevivência econômica em um cenário de incertezas.

Segundo a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), conduzida pelo IBGE (2021), o número de mulheres à frente de negócios no Brasil aumentou de 8,6 milhões no segundo trimestre de 2020 para 10,1 milhões no quarto trimestre do mesmo ano, retornando ao patamar do final de 2019, antes da pandemia.

O crescimento demonstra a resiliência das mulheres empreendedoras, que não apenas superaram os desafios impostos pela crise sanitária, como também impulsionaram setores econômicos, especialmente o de serviços, onde 50% das empresárias estão ativas (SEBRAE, 2021).

A pandemia da COVID-19 teve início oficialmente em março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a doença como uma emergência global (WHO, 2020). Provocou impactos severos no mercado de trabalho, afetando especialmente as mulheres, que, em muitos casos, foram obrigadas a abandonar seus empregos formais para assumir responsabilidades domésticas ou buscar alternativas de geração de renda. Segundo dados do IBGE (2021), o desemprego entre mulheres atingiu níveis históricos durante esse período, principalmente devido à precarização do trabalho e ao fechamento de empresas

O mercado sofreu um forte recuo, com uma queda abrupta na atividade econômica e uma reconfiguração das formas de trabalho, incluindo migração para o modelo remoto e busca por novos meios de subsistência. Como resposta a esses desafios, o empreendedorismo feminino emergiu como uma estratégia de sobrevivência e, posteriormente, de fortalecimento econômico, configurando o cenário atual do período pós-pandêmico. (SOUZA; SANTOS; SANTOS FILHO, 2022; SILVA; OLIVEIRA; PAIVA, 2022).

A crise sanitária tenha sido oficialmente encerrada pela OMS em maio de 2023 (WHO, 2023), marcando aproximadamente três anos de impactos diretos no mercado global, seus efeitos ainda são sentidos em 2025, especialmente no setor de empreendedorismo, onde muitas mulheres continuam reconstruindo suas trajetórias profissionais e consolidando seus negócios em um contexto de recuperação econômica.

Esse panorama foi confirmado pelo relatório do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), em conjunto com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que indica que, apesar do aumento das iniciativas de apoio, as empreendedoras no Brasil continuam enfrentando barreiras para acessar crédito, tecnologia e formação qualificada (MDIC; PNUD, 2024).

No entanto, estudos o de (Machado et al. 2003) destacam capacidade dessas empreendedoras de transformar essas adversidades em oportunidades, utilizando redes de apoio e estratégias criativas para expandir seus negócios. Segundo Jonathan (2005), o exercício do papel empreendedor está diretamente relacionado a elevados níveis de autonomia e bem-estar subjetivo, embora traga consigo tensões e desafios na conciliação entre trabalho e vida pessoal.

Conforme destaca Natividade (2020), a participação das mulheres na economia brasileira revela não apenas os desafios enfrentados, mas também as políticas públicas voltadas para o fortalecimento do empreendedorismo feminino. O autor aborda aspectos como a precarização do trabalho, a flexibilidade econômica e a busca por alternativas de sobrevivência, além de enfatizar a importância de ações governamentais voltadas à promoção da inclusão e o empoderamento das mulheres empreendedoras.

Segundo dados do IBGE (2021), o número de mulheres à frente de negócios no Brasil cresceu significativamente no período pandêmico e pós-pandêmico, demonstrando a capacidade de resiliência e adaptação dessas empreendedoras. Contudo, esse crescimento também revelou fragilidades estruturais, como a informalidade, a limitação de recursos e a ausência de políticas públicas eficazes de garantir o fortalecimento do empreendedorismo feminino.

Diante desse contexto, torna-se necessário compreender as reconfigurações que marcaram o empreendedorismo feminino no Brasil após a pandemia, analisando tanto os desafios enfrentados quanto as estratégias de superação adotadas para sua superação.

Nesse sentido, o estudo busca responder: quais reconfigurações apresentadas pelo empreendedorismo feminino no Brasil apresentou pós a pandemia da COVID-19, segundo a produção científica publicada entre 2020 e 2025? Essa pergunta permite investigar transformações nas práticas, nos perfis, nos desafios e nas oportunidades das mulheres empreendedoras brasileiras no período pós-pandemia, com base em uma análise crítica da literatura existente. Para isso, a pesquisa propõe uma revisão sistemática da literatura, baseada em produções acadêmicas publicadas no período que o estudo se propõe a analisar.

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas principais. A primeira etapa trata corresponde ao planejamento da revisão, envolvendo a definição do problema de pesquisa, dos objetivos e dos critérios de inclusão e exclusão de estudos. Serão selecionadas publicações acadêmicas como artigos, monografias, dissertações, teses e livros disponíveis em bases de dados como SciELO, Google Acadêmico, CAPES Periódicos e outras fontes científicas relevantes, publicadas entre os anos de 2020 e 2025.

Em segundo lugar, realiza-se a etapa de coleta e análise dos estudos, que envolve a leitura, categorização e análise dos estudos selecionados, com foco em responder aos objetivos específicos. Serão priorizadas investigadas que abordem as dimensões sociais, econômicas e estruturais do fenômeno. Por fim, será realizada a discussão dos resultados, com a organização dos achados em categorias temáticas que respondam aos objetivos propostos, permitindo a construção de uma análise

crítica sobre as reconfigurações do empreendedorismo feminino no Brasil após a pandemia.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar as transformações ocorridas no empreendedorismo feminino no Brasil após a pandemia da COVID-19, com base em estudos publicados entre 2020 e 2025, a partir de uma revisão de literatura sistemática.

2.2 Objetivos Específicos

1. Identificar os principais desafios enfrentados pelas mulheres empreendedoras brasileiras no contexto pós-pandêmico, com ênfase nas dimensões sociais, econômicas e estruturais.
2. Mapear as estratégias de adaptação e inovação adotadas por empreendedoras brasileiras diante das mudanças provocadas pela pandemia da COVID-19.
3. Compreender o papel das políticas públicas, redes de apoio e iniciativas privadas no incentivo e fortalecimento do empreendedorismo feminino no período pós-pandêmico.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Empreendedorismo Feminino: Conceitos, Características e Desigualdades de Gênero

Para realmente entender o que é o empreendedorismo feminino no Brasil, precisamos analisar sua história, sociedade e o lado financeiro. Isso significa misturar formas tradicionais de pensar o empreendedorismo como Dornelas (2018) afirmando que é importante enxergar oportunidades, Marshall (1890) enxergando o empreendedor como um chefe que produz coisas, e Schumpeter (1997) com sua grande ideia de destruição criativa, com a atual desigualdade entre gêneros que molda a forma como as mulheres fazem negócios. Ao realizar este estudo, você encontra um conflito entre as grandes ideias e as questões reais com as quais as mulheres nos negócios lidam por aqui

O empreendedorismo constitui um processo multifacetado que engloba a concepção, implementação e gestão de novos negócios, com o propósito de gerar inovação e valor para o mercado e a sociedade.

Conforme defende Dornelas (2018), sua essência vai além da simples abertura de novas empresas, envolve competências estratégicas como a identificação de oportunidades, o desenvolvimento de soluções inovadoras seja em produtos, serviços ou processos e gestão calculada de riscos, esses elementos visando a contribuição para a sustentabilidade e ao êxito empresarial o que reforça seu papel estratégico no desenvolvimento econômico e social.

A conceituação clássica do empreendedor remonta aos estudos Marshall (1890), que o descreve como o agente que assume riscos, mobiliza fatores de produção e gerencia ativamente negócios, incorporando inovação e atuando como catalisador de mudanças econômicas, ao equilibrando oferta e a demanda, além de atuar como pioneiro em novos mercados.

Já Schumpeter (1997), aprofunda essa perspectiva ao caracterizar o empreendedor como o protagonista do processo de "destruição criativa", por meio do qual introdução de inovações disruptivas desestabiliza estruturas tradicionais e impulsiona o desenvolvimento econômico. Essas concepções fundadoras estabelecem o empreendedor como figura central no processo dinâmico de transformação dos sistemas produtivos.

Assim como o desenvolvimento econômico, o empreendedorismo impulsiona não apenas a criação de postos de trabalho e distribuição de renda, mas também dinamiza os mercados por meio competição saudável. Trata-se de um processo que fortalece a estrutura produtiva e estimula a inovação em diferentes setores.

Dornelas (2018) ressalta que seu verdadeiro valor está na capacidade de traduzir problemas sociais em oportunidades de negócio inovadoras, atribuindo ao empreendedor um papel ativo na construção de soluções que atendam as demandas da sociedade e do mercado.

O que move esses agentes de transformação. Uma combinação entre ambição pessoal e visão prática, características que os levam a converter ideias inovadoras, em empreendimentos. Seja no comércio local ou em startups tecnológicas, esse espírito empreendedor mantém-se ativo, redefinindo setores inteiros da economia.

3.1.1 História do empreendedorismo no Brasil

O chamado “DNA empreendedor” do Brasil pode ser observado desde os primeiros ciclos econômicos coloniais, quando atividades como a extração do pau-brasil e o cultivo da cana-de-açúcar eram desenvolvidas para abastecer o mercado europeu. Apesar de baseadas em lógicas extrativistas fortemente marcadas por estruturas coloniais, essas atividades, ainda que predatórias, já revelavam a vocação nacional para transformar recursos naturais em riqueza (Dornelas, 2001).

Com a Independência do Brasil, consolidou-se o ciclo do café como um dos pilares da economia nacional. Nesse contexto, surgiram figuras como o Barão de Mauá. Enquanto a elite se agarrava à agricultura, ele ousou construir estradas de ferro e fábricas, antecipando um Brasil industrial.

De acordo com Bertero e Iwai (2005, p. 235), a história do Barão de Mauá revela uma das maiores ironias do empreendedorismo no Brasil: ele era um cara com ideias muito avançadas, mas muitos dos seus projetos esbarraram em gente que não queria que nada mudasse.

No século XX, brasileiro foi marcado pela expansão de fábricas estatais e por políticas que tentavam produzir localmente o que antes vinha de fora. Entretanto, foi apenas nos anos 1990 que o termo 'empreendedorismo' saiu dos livros de economia

e passou a integrar a realidade cotidiana. Com a abertura dos mercados e as privatizações, surgiu uma nova geração de empreendedores agora precisando competir no mercado com maiores exigências e inovação.

Foi nesse momento que nasceu o SEBRAE, criado em 1972, mas ganhou força como instituição de apoio aos micro e pequenas empresas. Segundo o Global Entrepreneurship Monitor (GEM 2011), essa foi a década em que o Brasil começou a entender que empreender não era apenas abrir um negócio, mas criar soluções num mercado que deixava de ser protegido para se tornar altamente competitivo.

Como explica (Dornelas 2001), o conceito só ganhou status quando se ficou evidente que o país precisava de negócios capazes de sobreviver aos ciclos de instabilidade da economia. Nas décadas anteriores, grande parte dos empreendimentos surgia de forma desestruturada, sem planejamento estratégico, e com baixa orientação técnica.

A mudança na percepção do empreendedorismo no Brasil foi impulsionada pelo fortalecimento do SEBRAE, que passou a orientar e capacitar pequenos negócios. Mais do que instituição de apoio, tornou-se um manual de estratégia dos pequenos negócios, oferecendo desde cursos até linhas de crédito. Se antes o empreendedor, iniciante, era desconfiado, passou a ser reconhecido como motor do desenvolvimento econômico.

Atualmente, o Brasil está entre os países com maior número de empreendedoras do mundo, com mais de 50 milhões de pessoas envolvidas em atividades empreendedoras, segundo dados do Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2011).

O ecossistema empreendedor brasileiro expressivo, com indicadores comparáveis aos de economias como China e Estados Unidos, impulsionados pela inovação, pela adaptação e contexto econômicos e pela expansão de pequenas e, micro e médias empresas, que são responsáveis por significativa parcela da geração de emprego e renda no território nacional.

O próprio relatório do (GEM, 2011), uma gradativa transição do empreendedorismo por necessidade para o motivado por oportunidade, refletindo uma busca por autonomia profissional e melhoria nas condições de vida. Destaca-se, nesse contexto, o crescente protagonismo feminino, que já representa cerca de 50%

do total de empreendedores brasileiro, revelando avanços importantes em termos de inclusão de gênero nos negócios.

Ao analisar essa trajetória histórica, percebe-se que o empreendedorismo no Brasil evoluiu desde suas raízes coloniais até consolidar-se como ecossistema dinâmico e inovador na contemporaneidade. Essa transformação foi impulsionada pela atuação estratégica de instituições como o SEBRAE bem como por pesquisas do próprio GEM, que fornecem subsídios para políticas públicas e práticas empresariais orientadas ao fortalecimento do espírito empreendedor nacional.

3.1.2 Empreendedorismo feminino

O empreendedorismo feminino no Brasil constitui um fenômeno complexo que articula dimensões econômicas, sociais e históricas. Conceitualmente, o ato de empreender envolve a identificação de oportunidades, a inovação e a gestão de riscos para oferecer soluções ao mercado (DORNELAS, 2018).

Entretanto, quando analisado sob a perspectiva de gênero, esse processo revela particularidades estruturais relevantes, como desigualdade no acesso a recursos, as trajetórias profissionais frequentemente marcadas pela exclusão do mercado formal e os impactos da dupla jornada imposta das responsabilidades domésticas e familiares.

Estudos Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (BRASIL, 2024) destacam o empreendedorismo feminino como um importante catalisador de inovação e inclusão econômica, especialmente em economias emergentes. No caso brasileiro, o (SEBRAE 2021) indicam que as mulheres respondem por 34% dos empreendimentos, formas com predominância em setores como beleza, alimentação, moda e serviços pessoais aries tradicionalmente associadas à informalidade e à menor valorização econômica.

Como mostrado pole SEBRAE 2021que cada vez mais mulheres estão empreendendo, mas ainda existem problemas que dificultam que elas atuem em áreas que dão mais dinheiro e são mais vistas.

Embora a análise demográfica das empreendedoras brasileiras majoritariamente na faixa etária de 35 a 54 anos e com formação de nível médio ou superior (SEBRAE, 2021). Sugira um desafios estruturais persistentes. Conforme

(Cruz 2023), persistem obstáculos como a elevada taxa de informalidade, a sobrecarga de funções e a concentração em atividades com baixa margem de lucratividade, fatores que limitam o pleno potencial econômico desses empreendimentos em áreas como alimentação, beleza e serviços de limpeza, caracterizam-se por funcionarem muitas vezes na informalidade, com baixa margem de lucro e acesso limitado a crédito e capacitação, o que compromete seu potencial de expansão.

Na teoria econômica feminista, a expressão "*piso pegajoso*" para retratar um fenômeno persistente mulheres altamente qualificadas seguem ancoradas em posições profissionais subvalorizadas, incapazes de ascender a cargos condizentes com suas competências. Segundo Fernandez (2019), essa metáfora evidencia como desigualdades por meio mecanismos sutis, naturalismo diante de méritos individuais.

No universo empreendedor, essa dinâmica se manifesta com clareza. Ao criarem seus negócios, mulheres frequentemente encontram-se circunscritas a segmentos como alimentação,

No mundo dos negócios, isso fica bem claro. Quando abrem suas empresas, muitas mulheres acabam trabalhando com coisas como comida, beleza e limpeza – áreas que geralmente são informais e não dão muito dinheiro. De acordo com Fernandez (2019), isso acontece por causa de um monte de coisas sociais e culturais, onde a ideia de que homens e mulheres devem fazer trabalhos diferentes manda muito.

Isso acaba empurrando as mulheres para áreas que sempre foram vistas como femininas, que não são tão valorizadas nem rendem tanto dinheiro. As empreendedoras brasileiras têm que lidar com três problemas: é difícil conseguir empréstimos, elas não têm muita gente para ajudar e não têm muitas chances de aprender a administrar um negócio. Tudo isso atrapalha o crescimento das empresas delas, fazendo com que muitas apenas consigam se manter.

Essa combinação de fatores restringe significativamente o potencial de crescimento de seus negócios, mantendo-os em um patamar de subsistência.

O conceito de "piso pegajoso", conforme elucidado por (Fernandez 2019), torna-se particularmente relevante nesse contexto, embora o número de mulheres

empreendedoras tenha crescido, muitas permanecem concentradas em atividades econômicas com baixa capacidade de ascensão, o que caracterizando um cenário marcando mais pela sobrevivência de expansão.

Os obstáculos atualmente enfrentados pelas mulheres empreendedoras possuem fundamentos históricos profundos, intimamente ligados à construção social dos papéis de gênero em nossa sociedade brasileira.

Como demonstra (Calil 2017), essa exclusão sistemática do mercado formal tem raízes na tradicional associação das mulheres ao espaço doméstico uma vinculação historicamente naturalizada como “destino social” feminino ao longo de séculos de organização patriarcal.

A presença feminina no mercado de trabalho começou a se consolidar de forma mais expressiva durante a Revolução Industrial, ainda que em um contexto marcado por relações laborais desiguais e condições precárias (HOBBSAWM, 2004).

No Brasil, esse movimento ganhou força sobretudo durante os períodos das Grandes Guerras, quando as mulheres passaram desempenhar funções mais ativas na economia. Segundo Trabalhadora nos anos (CUT, 1980), esses processos culminou na criação da Comissão Nacional da Mulher Trabalhadora, voltada à inclusão de mulheres no mundo trabalho.

Um avanço significativo ocorreu com a promulgação do Estatuto da Mulher Casada, em 1962, legislação pioneira que garantiu às mulheres maior independência jurídica e financeira, ao eliminar restrições legais subordinavam à autoridade do cônjuge abrindo. Esse marco normativas um passo importante na ampliação dos direitos civis femininos, criando condições mais favoráveis para sua participação em espaços econômicos dos quais, historicamente, foram excluídas.

A partir dos anos 2000, o empreendedorismo feminino foi gradualmente incorporado à agenda política nacional, com destaque para o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2004), que estabeleceu diretrizes para promoção autonomia econômica e ao combater as violências de gênero. Iniciativas como o Prêmio Mulher de Negócios promovido pelo SEBRAE emergiram como estratégias para reconhecimento de lideranças de empresariais femininas e estimular redes de apoio.

Contudo, conforme alertam Zouain e Barone (2009), a efetividade dessas políticas enfrenta esbarra em desafios estruturais especialmente em territórios periféricos, onde persistem dificuldades críticas de acesso a crédito, capacitação profissional e mecanismos de formalização, essas limitações comprometemos alcance e a sustentabilidade das ações implementação restringido seu fortalecimento do empreendedorismo feminino.

Pesquisas nacionais revelam que as motivações por trás do empreendedorismo feminino são complexas e multifacetadas. De acordo com (Machado, St-Cyr e Alves 2003), essas motivações variam entre desejo de auto realização e a necessidade imposta por fatores externos, como a ausência de oportunidade no mercado formal de trabalho ou a busca por conciliar atividades remuneradas com as demandas domésticas e familiares.

Essa aparente flexibilidade, muitas vezes idealizada, mascara uma realidade desgastante a sobrecarga sistemática de funções que recai sobre as empreendedoras, obrigadas a administrar, simultaneamente, seus negócios, os cuidados com a casa e a educação dos filhos.

Como alertam Peduzzi e Rodrigues (2020), essa dupla jornada não apenas compromete o bem-estar físico e emocional dessas mulheres, mas também representa um obstáculo significativo ao desenvolvimento e a consolidação de seus empreendimentos.

Para Silva (2018), há uma ausência de integração entre as políticas públicas e as demandas reais das empreendedoras, que muitas vezes não são incluídas em programas governamentais.

Essa desconexão compromete efetividade das iniciativas governamentais, à falta de articulação e à ausência de sensibilidade às necessidades específicas de gênero, classe social e acesso à tecnologia. Essa desconexão compromete a efetividade das iniciativas governamentais, ao não considerar as múltiplas dimensões que atravessam a realidade das mulheres empreendedoras no Brasil.

Já para (Zouain e Barone 2009), destacam que, para compreender o perfil das mulheres empreendedoras no Brasil, é necessário avaliar uma diversidade de fatores regionais e sociais. Segundo os autores, as políticas públicas não devem se

Limitar a incentivar a abertura de novos negócios, mas também precisam assegurar condições adequadas para que os empreendimentos liderados por mulheres se consolidem e prosperem em diferentes contextos territoriais.

O período de pandemias evidenciou ainda mais as desigualdades existentes no Brasil e revelou fragilidades na administração pública. Segundo (Souza, Santos e Santos Filho 2022), a politização excessiva da gestão pública, aliada à nomeação de gestores sem qualificação técnica para áreas estratégicas, como o Ministério da Saúde comprometeu o enfrentamento da pandemia.

Paralelamente a isso, a ausência de compromisso institucional e a adoção de discursos negacionistas agravaram o cenário da crise (BRASIL, 1988). Esse contexto fortalece o entendimento da necessidade de reformas que orientem as políticas públicas para maior eficiência na gestão, com foco em decisões baseadas em evidências e alinhadas às reais necessidades da população.

De acordo com (Souza et al. 2025), mulheres de regiões metropolitanas, como São Paulo e Fortaleza, têm se destacado em setores de tecnologia, marketing digital e serviços especializados, enquanto, em regiões rurais e interioranas, como o Maranhão e o Norte de Minas Gerais, o empreendedorismo feminino se concentra em atividades tradicionais, como o comércio local, o artesanato e os serviços (CRUZ, 2023; SILVA et al., 2021).

Essa diversidade é motivada por fatores como escolaridade, acesso a recursos financeiros e a exigências de redes de apoio. Embora, para algumas mulheres, empreender represente uma escolha vinculada à oportunidade e à inovação, muitas outras o fazem por obrigatoriedade, como forma de prover a subsistência familiar (DOS SANTOS et al., 2024).

Entre os principais desafios enfrentados pelas empreendedoras estão o acesso limitado ao crédito junto em grandes instituições financeiras, a sobrecarga em equilibrar a jornada de trabalho com a vida pessoal, e a discriminação de gênero, ainda presente em diversos setores da economia (NORONHA et al., 2022; BISPO; SASTRE; DOS SANTOS, 2020).

Nesse contexto, o microcrédito e as redes de apoio surgem como estratégias fundamentais para viabilizar a criação e manutenção de negócios liderados por

mulheres, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade social (MARQUES et al., 2024).

Durante a pandemia, notou-se uma aceleração da entrada de muitos negócios no mundo digital, desafiando diversas empreendedoras a desenvolverem habilidades em marketing digital e comércio eletrônico como estratégia de sobrevivência (OLIVEIRA; LIMA, 2022).

Esse crescimento, aliado a políticas públicas integradoras e ações que promovam a equidade de gênero, foi e continua sendo crucial para o fortalecimento do empreendedorismo feminino como ferramenta transformadora da economia brasileira (FERREIRA; PEREIRA, 2023).

Entre os desafios localizados estão o acesso controlado a recursos financeiros, a dificuldade de equilíbrio entre a vida profissional e familiar, a falta de possibilidade de alcance à tecnologia e à informação, além dos outros, fatores como desigualdades raciais e regionais que impactam de forma diferenciada mulheres brancas e negras em todo o país (MDIC; MEMP; PNUD, 2024).

O estudo evidencia que, apesar da progressiva formalização por meio da modalidade MEI, as empreendedoras ainda enfrentam baixos rendimentos financeiros e dificuldades no desenvolvimento de seus negócios.

Como forma de medida institucional, o governo federal lançou, em 2024, a Estratégia Nacional de Empreendedorismo Feminino “Elas Empreendem”, com a intenção de fomentar o acesso ao mercado, à tecnologia, ao crédito e à educação empreendedora. A iniciativa busca estimular um ambiente mais especializado e sustentável para o crescimento dos negócios liderados por mulheres em todo o Brasil.

3.2 Impactos da pandemia de COVID-19 sobre o empreendedorismo feminino no Brasil

No período da pandemia da COVID-19, a incerteza, o medo e diversos problemas marcaram o dia a dia, das empreendedoras brasileiras, afetando tanto sua saúde quanto sua estabilidade financeira. Registros analisados por Silva, Oliveira e Paiva (2022), apontam que esses efeitos atingiram intensamente não apenas as mulheres empreendedoras, mas também a população em geral naquele período.

Cabe ressaltar que, segundo Silva, Oliveira e Paiva (2022), durante o isolamento social muitas mulheres demonstraram esforço e determinação, resistindo às incertezas do mercado e adaptando-se às novas condições. Os dados da pesquisa mostram que, apesar dos obstáculos e do medo, essas empreendedoras buscaram desenvolver estratégias baseadas em inovação, planejamento e em habilidades de comunicação elementos, considerados fundamentais para manter seus negócios em funcionamento.

O estudo também evidenciou a fé e a autoconfiança como fatores que potencializaram a atuação empreendedora durante a pandemia. Essas constatações que reforçam a importância de políticas públicas que não apenas incentivem a criação de novos negócios, mas também ofereçam suporte social e estrutural para que as empreendedoras possam se manter no mercado.

Silva, Oliveira e Paiva (2022) mostram que, na pandemia, o empreendedorismo feminino se organizou em duas áreas ligadas: a emocional, com a confiança e força das mulheres, e a estratégica, com a comunicação, as novidades e as decisões que elas tomaram.

Segundo as autoras, enquanto fatores emocionais como a perseverança e a autoconfiança possibilitaram às mulheres lidar com as incertezas do mercado e os desafios pessoais impostos pela crise, habilidades estratégicas, como a capacidade de comunicação e a aceitação de riscos calculados, foram decisivas para a reinvenção de seus negócios.

Ratten (2020) compreende o empreendedorismo como um fenômeno influenciado por aspectos sociais, culturais e contextuais, principalmente, em períodos de crise. A autora defende que situações de dificuldade demandaram dos que empreendedores não apenas a capacidade necessária, mas também a habilidade de se desenvolver continuamente.

Esses fatores são fundamentais para compreender como as empreendedoras brasileiras equilibram suas vulnerabilidades com estratégias que lhes permitem superar adversidades por meio da inovação, muitas vezes em contextos de profunda instabilidade.

A partir da perspectiva da economia feminista, como propõe Cruz (2023), é possível compreender o empreendedorismo feminino como um fenômeno profundamente atravessado por desigualdades estruturais. A maioria das mulheres empreende, não por vocação ou liberdade de escolha, mas por necessidade, como resposta compulsória à exclusão persistente do mercado formal de trabalho.

Essa exclusão se manifesta em diferentes formas: discriminação de gênero, salários mais baixos em relação aos homens e a sobrecarga imposta pela dupla jornada, que inclui o trabalho remunerado, o doméstico e o cuidado com os filhos. Tais condições reforçam o entendimento de que estratégias empreendedoras femininas são, muitas vezes, uma resposta resiliente diante da ausência de oportunidades estruturais mais equitativas.

Nesse sentido, o empreendedorismo feminino, especialmente em contextos de crise, como a pandemia da COVID-19, tem sido frequentemente romantizado como sinônimo de superação e sucesso, quando, na verdade representa, para muitas mulheres, uma estratégia de sobrevivência diante da ausência de alternativas justas e sustentáveis.

Como destacam Guimarães et al. (2022), essa constatação exige um olhar crítico vá além dos indicadores de crescimento, reconhecendo que empreender, para essas mulheres, é também resistir à precarização imposta por um sistema econômico que segue desigual.

A realidade é evidenciada por Souza et al. (2022), que demonstram que, mesmo no ambiente digital inovador e aparentemente promissor as desigualdades estruturais persistem, as empreendedoras enfrentam dificuldades relacionadas ao acesso às tecnologias, à qualificação profissional e à inserção em mercados saturados e de baixa valorização econômica, fatores que restringe o potencial transformador do empreendedorismo voltado para a tecnologia.

Esses obstáculos no ambiente digital como a limitação ao acesso a tecnologias e as inserções em mercados desvalorizados soma-se a outras barreiras históricas como a sobrecarga com tarefas domésticas e familiares. O que compromete a capacidade de gestão e crescimento dos negócios liberados por mulheres.

Nessa mesma linha, Ratten (2020) compreende o empreendedorismo como um fenômeno influenciado por fatores sócias, culturais e contextuais especialmente em período de crise. A dificuldade de conciliar para a consolidação de empreendedorismo feminino

No período da pandemia, o empreendedorismo por oportunidade se destacou como uma das formas mais inovadoras mais organizadas de atuação, por ser associado a estratégica bem definidas, ao planejamento de ação e à implementação novas ideias. Embora ainda represente um desafio para mulheres em situação de fragilidade social, esse caminho foi trilhado por aquelas que conseguiram enxergar oportunidades de crescimento no mercado, mesmo durante a crise.

Esse cenário demonstra que o empreendedorismo feminino no Brasil pós-pandemia vai além da esfera individual, configurando-se como uma construção social e estratégica, moldada por um contexto de múltiplas crises econômica, social e sanitária.

Assim, políticas públicas que garantam acesso ao crédito, à capacitação profissional e ao fortalecimento das redes de apoio são fundamentais para consolidar os diversos perfis de empreendedoras e assegurar a continuidade de seus negócios no longo prazo.

3.3 Estratégias de Superação e Apoio ao Empreendedorismo Feminino Pós-Pandemia

Apesar do aumento da presença das mulheres no cenário empreendedor brasileiro, o acesso a políticas públicas eficazes ainda é difícil e limitado, especialmente em regiões periféricas e rurais. A falta de uma comunicação acessível, aliado à divulgação insuficiente sobre os programas de incentivo disponíveis, dificulta o alcance das iniciativas governamentais, comprometendo a criação e a consolidação de negócios inovadores e sustentáveis liderados por mulheres (Souza et al., 2025).

Além disso, o microcrédito tem se destacado como uma alternativa viável para a estruturação de pequenos empreendimentos femininos, especialmente nos segmentos do artesanato, da agricultura familiar e do comércio local, que são predominantes em áreas com baixa infraestrutura econômica (SILVA et al., 2021).

Mesmo em um contexto de dificuldades e limitações no acesso a políticas públicas, programas como o Caixa Pra Elas, desenvolvidos em parceria com o Sebrae, têm contribuído para o acesso ao crédito e à capacitação, atuando como porta de entrada para a formalização e o crescimento dos negócios femininos.

Além disso, iniciativas como o Prêmio Sebrae Mulher de Negócios incentivam a visibilidade e o reconhecimento público de trajetórias empreendedoras inspiradoras, reforçando o valor de práticas sustentáveis e inovadoras desenvolvidas por mulheres brasileiras.

O microcrédito, aliado a programas de capacitação, tem se consolidado não apenas uma ferramenta de investimento inicial, mas também como um instrumento que permite às mulheres investir em infraestrutura, tecnologia e gestão, favorecendo o alcance da autonomia econômica e o empoderamento feminino (OLIVEIRA; LIMA, 2022).

A atuação de organizações da sociedade civil também tem sido essencial nesse processo. A Rede Mulher Empreendedora (RME), por exemplo, atua há mais de 15 anos oferecendo mentorias, formação técnica e suporte psicológico, promovendo uma cultura de colaboração e fortalecimento mútuo. O Fundo ELAS e o Instituto Proeza também se destacam no apoio direto a mulheres em situação de vulnerabilidade, por meio de ações voltadas à capacitação profissional, à geração de renda e à valorização cultural.

Redes de apoio e programas de mentorias têm sido fundamentais para a troca de experiências, desenvolvimento pessoal e a criação de parcerias estratégicas entre empreendedoras (DOS SANTOS et al., 2024). Muitas dessas redes não apenas conectam oportunidades de negócios, mas também cumprem um papel essencial na desconstrução de estereótipos de gênero, promovendo um ambiente empresarial mais igualitário.

O criação dessas iniciativas, junto à formulação de políticas públicas inclusivas, representa uma estratégia relevantes para o empreendedorismo feminino, entendido como uma ferramenta concreta de transformação social e de superação das desigualdade estruturais (Who ,2023).

Nesse sentido, a consultoria surge como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de competências técnicas, gerenciais e comportamentais. Segundo (Melo et al. 2025), programas de mentoria contribuem principalmente para a superação de barreiras operacionais e financeiras, além de fortalecerem a autoconfiança das empreendedoras, a formação de redes de apoio e o acesso a conhecimentos essenciais para a administração de negócios.

Em diversos estudos, foi constatado que mulheres participantes desses programas apresentaram avanços em sua capacidade de gestão, liderança e conexão com oportunidades de financiamento (LAUK HUF; MALONE, 2015; FIUZA et al., 2023).

Um exemplo de iniciativa bem-sucedida em no campo do empreendedorismo é o projeto Empreendedorismo Feminino Inovação e Tecnologia como Formas de Inclusão, promovido pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), no município de Cabo de Santo Agostinho.

A iniciativa beneficiou 114 mulheres em situação de vulnerabilidade social, com formação em marketing digital, economia criativa e autoconhecimento, além da participação na Primeira Feira de Empreendedorismo Feminino da região (SANTOS; GALVÃO, 2025). Essa experiência demonstrou como projetos bem estruturados, pautados em pesquisa, inovação e tecnologias acessíveis, são capazes de promover independência financeira, práticas de economia circular e o fortalecimento de negócios duradouros.

Diante dessa realidade, percebe-se que o empreendedorismo feminino no Brasil, após a pandemia, vai além da ideia de uma escolha individual. Ele deve ser compreendido como uma resposta social articulada frente a um contexto de crise que exigiu criatividade empresarial, resiliência e ação coletiva da sociedade.

Por isso, torna-se fundamental que o Estado amplie a criação e a execução de programas de crédito acessível, estimule a qualificação profissional e incentive o fortalecimento das redes femininas de colaboração, garantindo que todas as mulheres empreendedoras tenham ferramentas reais de sustentar seus negócios, crescer e contribuir ativamente para o desenvolvimento econômico e social do país

4. MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho caracteriza-se como uma revisão sistemática da literatura, de abordagem qualitativa e natureza exploratória, centrada na análise das transformações no empreendedorismo feminino no Brasil no contexto pós-pandemia da COVID-19.

A adoção dessa metodologia justifica-se pela necessidade de reunir, analisar e interpretar criticamente estudos e documentos que evidenciem como os impactos da crise sanitária sobre as mulheres empreendedoras e as estratégias adotaram para manter ou inovar em seus negócios nesse contexto.

A investigação foi conduzida com base em fontes secundárias, selecionadas a partir de uma busca sistemática em bases acadêmicas e institucionais, tais como: Google Scholar, SciELO, Periódicos CAPES, ResearchGate, Sebrae, Rede Mulher Empreendedora (RME), Fundo ELAS, Instituto Proeza e portais do Governo Federal.

Para otimizar os resultados, foram utilizados descritores temáticos, aplicados de forma isolada ou combinada, por meio de operadores booleanos (AND, OR), entre eles: empreendedorismo feminino, pandemia e empreendedorismo, COVID-19 e negócios, gênero e empreendedorismo, reconfigurações do trabalho e desafios do empreendedorismo feminino.

O recorte temporal da pesquisa concentra-se no período de 2020 a 2025, priorizando estudos que abordam os impactos da pandemia de COVID-19 na atuação empreendedora das mulheres brasileiras. Foram incluídos artigos científicos, dissertações, teses, relatórios técnicos, documentos de políticas públicas e materiais produzidos por organizações da sociedade civil que atuam no incentivo ao empreendedorismo feminino. Os critérios de inclusão envolveram a relevância temática, a atualidade das informações, o rigor metodológico e a contribuição teórica dos estudos para a compreensão do fenômeno.

A análise foi conduzida com base na técnica de análise de conteúdo documental, conforme proposta por Bardin (2016), aplicada à literatura científica selecionada na revisão sistemática. Por meio de uma leitura crítica e interpretativa dos estudos selecionados. O objetivo foi identificar categorias analíticas que evidenciassem as principais mudanças no comportamento, nas práticas de gestão,

nas políticas de apoio e nos mecanismos de enfrentamento adotados pelas empreendedoras.

A sistematização dos achados permitiu organizar o referencial teórico em quatro eixos temáticos principais: impactos da pandemia sobre a sustentabilidade dos negócios liderados por mulheres; as políticas públicas e os instrumentos de fomento, como o microcrédito e os programas de capacitação o papel das redes de apoio, da mentoria e da inovação; e, por fim, as estratégias de superação e adaptação adotadas pelas mulheres no cenário pós-crise.

Dessa forma, a presente revisão de literatura busca não apenas compreender o cenário atual do empreendedorismo feminino no Brasil, mas também contribuir para a reflexão sobre a importância de políticas públicas integradas e do apoio contínuo às mulheres, considerando as desigualdades de gênero historicamente presentes no campo empresarial.

Por se tratar de estudo baseado em fontes secundárias de domínio público, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética. No entanto, todos os cuidados com a integridade acadêmica e a correta atribuição das fontes foram rigorosamente observados.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da produção científica foi sistematizada por meio de uma matriz de análise de conteúdo, elaborada com base nos critérios estabelecido no roteiro metodológico da pesquisa. Os critérios de inclusão adotados consideraram publicações em língua portuguesa, disponibilizadas entre os anos de 2020 e 2025 com foco geográfico no Brasil e que abordassem o empreendedorismo feminino sob diferentes dimensões impactadas pela pandemia da COVID-19.

A matriz de análise foi estruturada em duas partes complementares: a primeira reúne nove estudos principais, selecionados com base em sua relevância direta para o tema central do trabalho; a segunda apresenta 13 estudos complementares, utilizados para aprofundar e contextualizar teoricamente a problemática.

Para a organização e categorização do conteúdo, utilizou-se uma adaptação da técnica de análise de conteúdo documental, conforme proposta por (Bardin 2016), priorizando as seguintes dimensões: objetivos do estudo, metodologia, principais

resultados, contribuições para o tema e eventuais limitações. A figura 1 quadro a seguir sintetiza os resultados dessa análise.

A Quadro 1 — Apresenta uma síntese das obras principais

Autor(es)	Periódico / Título	Objetivo do estudo	Metodologia	Resultados	Limitações
SILVA, L. C. M.; OLIVEIRA, N. Q. S.; PAIVA, M. O. S.	Mulheres empreendedoras: os impactos da pandemia nos aspectos emocionais e cognitivos de seus negócios	Investigar os impactos da pandemia sobre o comportamento emocional e cognitivo de mulheres empreendedoras.	Entrevistas semiestruturadas com análise de conteúdo.	Insegurança, ansiedade, reorganização de prioridades e resiliência emocional.	Pequeno número de entrevistas; foco regional.
GUIMARÃES, C. P. et al.	Empreendedorismo no contexto da COVID-19: necessidade, oportunidade e solidariedade	Analisar como a pandemia influenciou o surgimento de novos negócios.	Revisão de literatura e dados secundários.	Empreendedorismo por necessidade, inovação e apoio mútuo.	Sem dados empíricos primários.
BRASIL. MDIC; MEMP; PNUD	Panorama do Empreendedorismo Feminino no Brasil	Apresentar dados atualizados sobre perfil, desafios e oportunidades.	Análise documental e estatística.	Crescimento da participação feminina; desigualdades persistentes.	Sem abordagem qualitativa.
MELO, K. B. de et al.	Mentoria e empreendedorismo feminino:	Revisar o impacto da mentoria no empreendedorismo	Revisão sistemática	Mentoria ajuda a superar barreiras	Poucos estudos empíricos.

	uma revisão sistemática	orismo feminino.	em bases nacionais.	culturais e técnicas.	
PASCHOA LOTTO, A. A. et al.	Políticas públicas e empreended orismo feminino: desafios e possibilidades	Analisar políticas públicas voltadas ao empreended orismo feminino.	Análise documental de programas públicos.	Políticas ainda fragmentadas, pouca articulação.	Não analisa implementação local.
OLIVEIRA, N. Q. S.; LIMA, M. R. M.	Estratégias digitais no empreended orismo feminino	Explorar o uso de ferramentas digitais por empreendedoras.	Estudo qualitativo.	Uso de redes sociais, e-commerce e atendimento remoto.	Estudo localizado .
PEDEZZI, L. L.; RODRIGUES, R. S	Maternidade e desafios no empreended orismo feminino	Investigar a influência da maternidade na trajetória empreended ora.	Entrevistas qualitativas.	Conflito entre maternidade, trabalho e sobrecarga emocional.	Amostra reduzida.
SANTOS, G. K. dos; GALVÃO, M. B.	Empreendedorismo feminino: inovação e tecnologia como formas de inclusão	Discutir como inovação e tecnologia reduzem barreiras.	Análise de programas públicos e privados.	Modelos de negócio mais flexíveis e escaláveis.	Pouco empírico.

Fonte: figura 1 Elaborado pelo autor (2025).

Apesar da revisão apresentar uma visão abrangente das transformações no empreendedorismo feminino pós-pandemia, os estudos analisados demonstram limitações que afetam a abrangência das conclusões.

A mais recorrente é a falta de dados primários, com predominância de análises bibliográficas e documentais (Medeiros da Silva et al., 2021; Melo et al., 2025), o que

complica a captação as vivências pessoais das empreendedoras, especialmente em contextos periféricos.

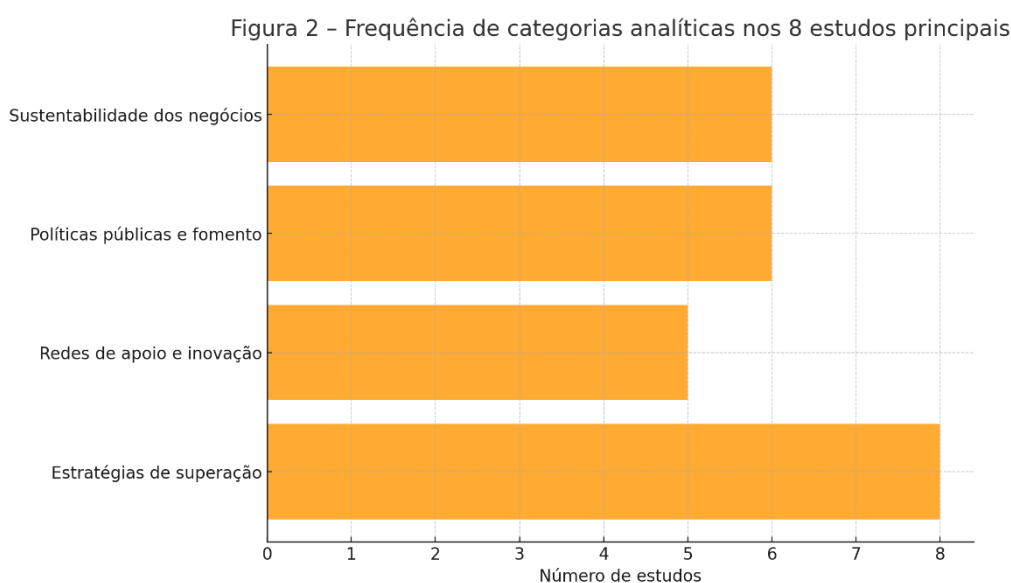
Outra restrição relevante é a concentração territorial das pesquisas nas regiões Sudeste e Sul (Guimarães et al., 2022; Assunção e Anjos, 2018), com pouca representação de empreendedoras do Norte e Nordeste.

Observa-se escassez de abordagens sobrepostas que integram variáveis como raça, classe, escolaridade e maternidade (Paschoalotto et al., 2023). Em muitos casos, também há carência de detalhamento metodológico, o que compromete a transparência e a reprodutibilidade dos estudos.

Na Figura 2, mostramos quantas vezes cada tipo de análise apareceu nos estudos que usamos. As formas de lidar com problemas foram as mais comuns, aparecendo em 8 estudos, e o apoio de outras pessoas veio em seguida, em 5 estudos. É bom notar que um estudo pode ter mais de uma análise, então o número total de análises é maior que o número de estudos.

Essa mistura mostra que as pesquisas feitas não olham só um lado da questão, mas vários. Elas tentam entender o que as mulheres empreendedoras enfrentam, como a falta de estrutura, a ajuda que recebem e as novidades que criaram durante a pandemia. Essa forma de pesquisar combina com o que queríamos, que era entender como é empreender sendo mulher em situações difíceis.

Gráfico 2— Frequência de categorias analíticas nos 8 estudos principais



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A Figura 2 gráfico apresenta os métodos de pesquisa adotados nos oito estudos principais analisados na revisão sistemática da literatura. Observa-se a predominância de abordagens qualitativas, especialmente por meio de entrevistas semiestruturadas e análises documentais, utilizadas em diferentes contextos para compreender as experiências de mulheres empreendedoras no período pandêmico e pós-pandêmico.

A diversidade metodológica refletida no gráfico demonstra a multiplicidade de olhares aplicados ao fenômeno, mas confirma uma tendência predominante de investigações qualitativas, alinhadas ao objetivo de captar percepções, estratégias e desafios vivenciados pelas empreendedoras durante o contexto de crise sanitária e econômica.

Para complementar a análise dos estudos principais, foram identificadas 21 fontes secundárias de caráter complementar, utilizadas com o objetivo de aprofundar conceitos-chave e fornece suporte contextual ao debate sobre o empreendedorismo feminino no Brasil no período pós-pandemia. Esses estudos contribuíram para enriquecer utilizamos a figura 3 a fundamentação teórica e ampliar a compreensão sobre os desafios, avanços e estratégias relacionados ao tema.

A quadro 2 — Apresenta uma síntese das obras complementares.

Nº	Título do Estudo	Autor(es)	Ano	Contribuição
1	Constituição da República Federativa do Brasil de 1988	BRASIL	1988	Base legal para análise de direitos das mulheres e políticas públicas.
2	Mulheres e mercado de trabalho: desafios e conquistas	CALIL, S.	2017	Contextualiza as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho.
3	Economia feminista e empreendedorismo	CRUZ, R. M.	2023	Integra teoria feminista à análise do empreendedorismo.
4	História da Comissão Nacional da Mulher Trabalhadora	CUT	1980	Resgata a trajetória histórica da luta por igualdade no trabalho.

5	Empreendedorismo: transformando ideias em negócios	DORNELAS, J. C. A.	2018	Referência clássica sobre conceitos e fundamentos do empreendedorismo.
6	Empreendedorismo no Brasil: da história à atualidade	DORNELAS, J. C. A.	2001	Panorama histórico do empreendedorismo no país.
7	Mentoria e desenvolvimento de competências empreendedoras	FIUZA, T. S. et al.	2023	Explora o papel da mentoria no fortalecimento do perfil empreendedor.
8	PNAD Contínua	IBGE	2021	Fornece dados estatísticos sobre trabalho e renda no Brasil.
9	Empreendedorismo e bem-estar subjetivo	JONATHAN, R.	2005	Relaciona o ato de empreender com saúde mental e satisfação pessoal.
10	Women entrepreneurs need mentors	LAUKHUF, R.; MALONE, S.	2015	Enfatiza a necessidade de mentoras no processo empreendedor feminino.
11	Motivações e desafios do empreendedorismo feminino	MACHADO, H. et al.	2003	Explora os principais obstáculos enfrentados por mulheres empreendedoras.
12	Principles of Economics	MARSHALL, A.	1890	Obra clássica da economia, utilizada para embasamento teórico.
13	O teto de vidro no empreendedorismo contábil feminino	PINTO, L. C.; ANJOS, F. R.	2021	Analisa barreiras invisíveis enfrentadas por mulheres na contabilidade.

Fonte: figura 3 Elaborado pelo autor (2025).

A revisão dos estudos evidencia mudanças importantes no ambiente do empreendedorismo feminino no Brasil após a pandemia da COVID-19. Podemos destacar uma das principais características observadas foi a intensificação do uso de meios digitais como mecanismo de adaptação à nova realidade imposta durante o isolamento social e pela redução das vendas presenciais que perdurou até os dias atuais.

De acordo com Oliveira e Lima (2022), muitas empreendedoras passaram a utilizar redes sociais, plataformas de e-commerce e aplicativos de comunicação como alternativas viáveis para manter seus negócios ativos durante e após o período mais crítico da pandemia, o que evidencia um processo de digitalização acelerada do empreendedorismo feminino e nacionalizando empresas de todo o Brasil.

Além das transformações econômicas, os efeitos emocionais da pandemia também impactaram fortemente a trajetória das mulheres empreendedoras. A

pesquisa de (Silva et al. 2022) aponta um aumento nos níveis de ansiedade, estresse e sobrecarga, especialmente entre aquelas que acumularam as responsabilidades do trabalho com as tarefas domésticas o que não se limita ao período da pandemia.

No que diz respeito às políticas públicas, (Paschoalotto et al. 2023) analisam que as medidas de governo voltadas ao apoio de mulheres empreendedoras, em muitos casos, apresentam limitações em sua eficácia. Os autores ressaltam a necessidade de desenvolvimento de políticas mais integradas, com sensibilidade às desigualdades de gênero e maior articulação entre os diferentes níveis de governo

Os autores ressaltam a necessidade de desenvolvimento de políticas mais integradas, com sensibilidade às desigualdades de gênero e maior articulação entre os diferentes níveis de governo. Nesse sentido, o relatório *Panorama do Empreendedorismo Feminino no Brasil* (MDIC; PNUD, 2024) evidencia que a informalidade e as dificuldades de acesso ao crédito ainda são barreiras estruturais enfrentadas pelas empreendedoras, piorando sua vulnerabilidade financeira.

Orientação profissional tem se destacado como um método eficaz na superação dos desafios enfrentados pelas empreendedoras. De acordo com (Melo et al., 2025), programas que oferecem mentorias contribuem fortemente para o desenvolvimento de habilidades e competências técnicas, Além do fortalecimento da autoconfiança e a superação de barreiras sociais que limitavam o avanço feminino no ambiente de negócios.

Por fim, a diversidade metodológica presente nos estudos analisados incluindo entrevistas, análise documental e uso de dados estatísticos, evidencia a complexidade do fenômeno do empreendedorismo feminino.

Trata-se de um tema multidimensional, que exige abordagens interdisciplinares e sensível às dimensões econômicas, sociais, emocionais, tecnológicas e culturais que estruturam a atuação das mulheres empreendedoras no Brasil contemporâneo

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi compreender as reconfigurações do empreendedorismo feminino no Brasil no, contexto pós-pandemia da COVID-19, por meio de uma análise crítica da produção científica publicada entre 2020 e 2025. A revisão sistemática da literatura possibilitou identificar mudanças significativas nas

práticas empreendedoras, bem como evidenciar os obstáculos estruturais que persistem e dificultam o desenvolvimento pleno de seus negócios.

As análises revelaram que a pandemia agravou o desequilíbrio de gênero historicamente consolidado, ao mesmo tempo em que impulsionou as estratégias de adaptação e resiliência protagonizadas por empreendedoras. Digitalização se destacou como um eixo central nesse processo, por meio da utilização dinâmica de redes sociais, plataformas de e-commerce e tecnologias de comunicação, que se mostraram essenciais para a continuidade das atividades empresariais.

Embora tenham evidenciados esses avanços, as barreiras continuam, como as relacionadas à sobrecarga de trabalho, à precarização das condições laborais e às dificuldades de conciliação entre as dimensões produtiva e reprodutiva, sobretudo para mulheres em contextos de maior vulnerabilidade social.

As políticas públicas voltadas ao desenvolvimento do empreendedorismo feminino, embora representem importantes conquistas, ainda carecem de articulação e capilaridade territorial e sensibilidade a marcadores sociais como gênero, classe e maternidade.

Destaca-se, ainda, o papel central desempenhado pelas redes de apoio, organizações da sociedade civil e iniciativas colaborativas, que atuaram como ferramentas de fortalecimento não apenas econômico, mas também social das empreendedoras. Tais arranjos demonstraram potencial para promover maior autonomia, resiliência e conectividade comunitária no enfrentamento dos impactos da crise sanitária e no redesenho de trajetórias empreendedoras no Brasil contemporâneo.

Considerando os limites da presente revisão sistemática, recomenda-se que futuras pesquisas ampliem o escopo geográfico e temático da análise, especialmente com foco em recortes interseccionais como raça, classe e território. Além disso, seria pertinente a realização de estudos empíricos que complementem os achados documentais aqui discutidos, por meio de entrevistas, grupos focais ou etnografias digitais com empreendedoras de diferentes contextos sociais.

Outra possibilidade de evolução metodológica está na aplicação de revisões sistemáticas integrativas, que articulem dados qualitativos e quantitativos, permitindo

maior robustez analítica e a identificação de lacunas ainda não exploradas na literatura.

Ao aprofundar esse campo de estudo, será possível contribuir de forma mais efetiva para a formulação de políticas públicas sensíveis às especificidades do empreendedorismo feminino no Brasil contemporâneo.

7 REFERENCIAS

AGÊNCIA SEBRAE. *Inscrições abertas para o Prêmio Sebrae Mulher de Negócios 2025*. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/empreendedorismofeminino/premiomulherdenegocios>. Acesso em: 23 maio 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL (ABRAPSA). *O mercado de trabalho pós-pandemia: perspectivas e tendências para empresas e profissionais*. Disponível em: <https://abrapsa.org.br/o-mercado-de-trabalho-pos-pandemia-perspectivas-e-tendencias-para-empresas-e-profissionais/>. Acesso em: 23 maio 2025.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 18 jun. 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços; Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte; Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Panorama do empreendedorismo feminino no Brasil*. Brasília, DF: MDIC; MEMP; PNUD, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor/elas-empreendem/panorama-do-empreendedorismo-feminino-no-brasil>. Acesso em: 18 maio.2025

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 4. ed. São Paulo: Edições 70, 2016

BERTERO, Carlos Osmar; IWAI, Tatiana. Uma visita ao Barão. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 21, n. especial, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552005000600002>. Acesso em: 20 maio. 2025

CALIL, Sandra. *Mulheres e mercado de trabalho: desafios e conquistas*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

CRUZ, Leticia dos Santos. *Empreendedorismo feminino à luz da economia feminista: escolha ou falta de opção?* 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/248136/TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 jun. 2025.

CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES (CUT). *Mulheres na CUT: uma história de muitas faces* [recurso eletrônico]. São Paulo: CUT, [2023?]. Disponível em: <https://www.cut.org.br/artigos/30-anos-de-politica-de-genero-a-historia-de-luta-das-mulheres-no-movimento-sindi-c55e>. Acesso em: 20 maio. 2025.

DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo no Brasil: da história à atualidade*. São Paulo: Campus, 2001.

FERNANDEZ, B. P. M. Teto de vidro, piso pegajoso e desigualdade de gênero no mercado de trabalho brasileiro à luz da economia feminista. *Cadernos de Campo*, v. 26, n. 1, p. 79–103, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/336775928>. Acesso em: 28 maio 2025.

FIUZA, T. S. et al. Mentoria e desenvolvimento de competências empreendedoras. *Revista Brasileira de Empreendedorismo*, v. 5, n. 2, p. 45–60, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/reni/issue/view/28>. Acesso em: 18 jun. 2025.

FUNDO ELAS. *Institucional*. Disponível em: <https://elasfundo.org/institucional.asp>. Acesso em: 23 maio 2025.

GOVERNO FEDERAL. *Elas Empreendem — Empresas & Negócios*. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor/elas-empreendem>. Acesso em: 23 maio 2025.

GUIMARÃES, C. P. et al. O empreendedorismo no contexto da COVID-19: necessidade, oportunidade e solidariedade. *Pensar Acadêmico*, Manhuaçu, v. 20, n. 1, p. 93–105, 2022. Disponível em: <http://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/2436>. Acesso em: 08 jun. 2025.

IBGE. *PNAD Contínua: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

INSTITUTO PROEZA. *Instituto Proeza*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Proeza. Acesso em: 23 maio 2025.

JONATHAN, R. Empreendedorismo e bem-estar subjetivo. **Revista Brasileira de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 77–89, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/GLRTzNTHBNzkQVQD3BzFGNk>. Acesso em: 17 jun. 2025.

LAUKHUF, R.; MALONE, S. Women entrepreneurs need mentors. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, Bingley, v. 7, n. 2, p. 213–224, 2015. Disponível em: <https://researchportal.coachingfederation.org>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MACHADO, H.; ST CYR, L.; ALVES, M. L. Motivações e desafios do empreendedorismo feminino. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 7, n. 3, p. 91–110, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1676-56482003000200007>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MARSHALL, A. *Principles of Economics*. London: Macmillan, 1890. (8ª ed. 1920). Disponível em: <https://competitionandappropriation.econ.ucla>. Acesso em: 13 maio 2025.

MELO, K. B. de; VEIGA, H. M. da S.; SQUILASSI, I. B.; ZANATA, N. C. M. Mentoria e empreendedorismo feminino: uma revisão sistemática do impacto e das práticas. **RELA Cult – Revista Latino Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 11, ed. esp., mar. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.23899/1n34fp62>. Acesso em: 17 jun. 2025.

NATIVIDADE, D. R. da. Empreendedorismo feminino: políticas públicas sob análise. **Revista Saber Acadêmico**, v. 5, n. 1, p. 99–115, 2020. Disponível em: <https://revistasaberacademico.com.br/empreendedorismo-feminino-politicas-publicas-sob-analise>. Acesso em: 25 maio 2025.

NEXO JORNAL. *Mulheres, jovens e o mercado de trabalho no pós-pandemia*. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/mulheres-jovens-e-o-mercado-de-trabalho-no-pos-pandemia>. Acesso em: 23 maio 2025.

OLIVEIRA, N. Q. S.; LIMA, M. R. M. Estratégias digitais no empreendedorismo feminino. **Revista de Inovação e Sustentabilidade**, v. 9, n. 1, p. 33–50, 2022.

PASCHOALOTTO, A. A. et al. Políticas públicas e empreendedorismo feminino: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, [local], v. 13, n. 2, p. 57–76, 2023. Disponível em: <https://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/admrevista/article/view/6183>. Acesso em: 20 maio. 2025.

PEDEZZI, B.; RODRIGUES, L. S. Desafios do empreendedorismo feminino: um levantamento com mulheres empreendedoras. **Revista Interface Tecnológica**, São Carlos, v. 17, n. 2, dez. 2020. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica>. Acesso em: 08 jun. 2025.

PINTO, Thais Resende; ANJOS, Mayara Abadia Delfino dos. Empreendedorismo feminino: a ascensão da mulher na contabilidade brasileira em meio a barreiras e ao patriarcado imposto pela sociedade. **GETEC**, v. 10, n. 34, p. 91-108, 2021.

Disponível em: <https://search/pinto-l-c-anjos-f-r-o-teto-de-mimDOcWnQh289Wh5cOw1dA?0=r> Acesso em: 15 maio. 2025

RÁDIO USP. Mercado de trabalho brasileiro apresenta recuperação após a pandemia de Covid 19. *Jornal da USP*, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/mercado-de-trabalho-brasileiro-apresenta-recuperacao-apos-a-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em: 23 maio 2025.

RATTEN, V. Coronavirus (COVID 19) and entrepreneurship: changing life and work landscape. **Journal of Small Business & Entrepreneurship**, Abingdon, v. 32, n. 5, p. 503–516, 2020. DOI: 10.1080/08276331.2020.1790167. Disponível em: <https://doi.org/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

REDE MULHER EMPREENDEDORA. 15 anos de Rede Mulher Empreendedora: uma jornada de impacto no empreendedorismo feminino. Disponível em: <https://rme.net.br/>. Acesso em: 23 maio 2025.

SANTOS, G. K. dos; AQUINO, F. V. K. de; GALVÃO, M. B. Empreendedorismo feminino: inovação e tecnologia como forma de inclusão. **Caminho Aberto – Revista de Extensão do IFSC**, Florianópolis, ano 12, v. 19, p. 1–14, 2025. Disponível em: <https://ojs.ifsc.edu.br/index.php/caminhoaberto>. Acesso em: 7 jun. 2025.

SCHUMPETER, J. A. Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1997. Disponível em: <https://www.projetos.unijui.edu.br/economia/files/Schumpeter>. Acesso em: 25 maio. 2025.

SEBRAE. Empreendedorismo feminino no Brasil. [S. l.]: Sebrae, 2021. Disponível em: <https://sebraepr.com.br/wp-content/uploads/2023/07/Empeendedorismo-Feminino-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 25 maio 2025.

SEBRAE. Programa Caixa Pra Elas – Empreendedoras. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ac/artigos/programa-caixa-pra-elas-empeendedoras%2Ca2dc0bdbba1f3810VqnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em: 23 maio 2025.

SILVA, L. C. M.; OLIVEIRA, N. Q. S.; PAIVA, M. O. S. Mulheres empreendedoras: os impactos da pandemia nos aspectos emocionais e cognitivos de seus negócios. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas**, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 137–152, jan./abr. 2022. DOI: 10.29327/237867.7.1-2. Disponível em: <https://www.revistas.editoraenterprising.net/index.php/regmpe/article>. Acesso em: 18 maio 2025.

SOUZA, P. V. N. C. S. de; SANTOS, A. S.; SANTOS FILHO, A. O. A politização da administração pública como fator de agravamento da pandemia de COVID-19 no

Brasil. **A&C – Revista de Direito Administrativo & Constitucional**, v. 22, n. 87, p. 163–184, 03 mar. 2022.

VELOSO, F.; BARBOSA FILHO, F. H.; PERUCHETTI, P.; FEIJÓ, J. *Mercado de trabalho no Brasil no pós-pandemia*. Blog do IBRE, 23 maio 2024. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/mercado-de-trabalho-no-brasil-no-pos-pandemia>. Acesso em: 23 maio 2025.

WHO. *WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 – 11 March 2020*. Geneva: World Health Organization, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em: 18 maio. 2025.

ZOUAIN, D. M.; BARONE, P. M. Políticas públicas para o empreendedorismo feminino: uma análise crítica. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 5, p. 1235–1257, set./out. 2009. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6736>. Acesso em: 20 maio. 2025.